



## *A Coleção da Casa Leitão & Irmão no Acervo do Palácio Nacional da Ajuda\**

Teresa Maranhas\*\*

As origens da Ourivesaria Leitão remontam a 1822<sup>1</sup>, quando José Pinto Leitão se estabeleceu como “ourives do ouro” e abriu a tradicional loja-oficina, na Rua das Flores, arruamento que congregava os ourives que trabalhavam o nobre metal, na cidade do Porto. Este era o típico estabelecimento que imperava à época, em que o oficial trabalhava à vista dos clientes, junto ao balcão de venda. A produção consistia, sobretudo, em peças de joalheria de cariz popular, em ouro, na qual predominava o uso da filigrana.

Com o intuito de consolidar a actividade e procurando simultaneamente atender às necessidades de modernização, quase duas décadas decorridas, José Pinto Leitão fundou, em 1840<sup>2</sup>, no mesmo arruamento, a primeira loja da casa Leitão.

Os filhos do fundador, Narcizo e Olindo José, continuaram a actividade e adoptaram a designação *Leitão & Irmão*. No panorama da produção nacional, a casa conquistou um estatuto de destaque em relação às suas congéneres, a de *José Rosas* e a de *Reis & Filhos*, também fundadas no Porto. A capacidade técnica dos seus artífices e a irrepreensível qualidade das suas criações foram publicamente reconhecidas em 1873, quando D. Pedro, Imperador do Brasil, concedeu à *Leitão & Irmão* o prestigioso título de “Ourives da Casa Imperial do Brasil”.

Em 1877, os irmãos Leitão abriram um luxuoso estabelecimento no elegante Chiado lisboeta e empreenderam o ambicioso projecto artístico de restaurar as grandes tradições da ourivesaria e joalheria, inspiradas nas raízes populares portuguesas. Fizeram-no dentro do espírito historicista que guiava as criações das oficinas de ourives nacionais de então, contribuindo, assim, de forma determinante, para a renovação operada no campo da ourivesaria na segunda metade do século XIX. Neste contexto, Narcizo e Olindo José empreenderam várias visitas ao estrangeiro, nomeadamente a Paris e a Londres, de onde trouxeram novos materiais e moderna maquinaria para equipar as oficinas. Simultaneamente, investiram em mão-de-obra experiente e altamente qualificada, recrutando os melhores ourives que então laboravam em Lisboa e apostando na sua formação no plano internacional. A colaboração com um diversificado leque de artistas do panorama nacional, como Rafael e Columbano Bordalo Pinheiro, ou ainda o escultor e medalhista João da Silva, entre outros, foi absolutamente decisiva neste contexto de renovação da ourivesaria portuguesa.

Um ambicioso projecto como este não poderia descurar o investimento no mercado externo e, nesse sentido, a *Leitão & Irmão* estabeleceu filiais nas duas mais importantes capitais europeias. Em Paris, a *Pinto & Braga*, sediada no nº 50 da rue du Paradis e, mais tarde, no nº 38 da rue d’Hauteville, sob a designação *Pinto Braga & Cie.*; em Londres, a *Pinto Leite e Sobrinhos*, veio a ser instalada no nº 45 da Moorgate Street. Através destes representantes, manteve uma extensíssima e diversificada rede de fornecedores, constituída maioritariamente por fabricantes de ourivesaria e joalheria, mas também por importantes fornecedores de matérias-primas, nomeadamente prata e pedras preciosas, materiais que, depois de adquiridos, eram canalizados para as oficinas de Lisboa.

<sup>1</sup> COSTA, Filomena, *Leitão & Irmão. Antigos Joalheiros da Coroa*, Lisboa, Col. Lisboa Porta a Porta, nº 8, Câmara Municipal de Lisboa, 2001, p. 10.

<sup>2</sup> *Leitão & Irmão. Joalheiros da Coroa na Exposição Nacional do Rio de Janeiro 1908*, Lisboa, Tipografia d’A Editora, 1908, p. 6.

Em 1887, a *Leitão & Irmão* registou na contrastaria de Lisboa o punção de fabrico, constituído pela figura de uma esfinge a encimar a letra «L»<sup>3</sup>, do qual ainda hoje faz uso. Era este o punção que garantia a autoria e autenticidade das obras executadas nas suas oficinas, sendo também utilizado para remarcar as peças importadas e posteriormente vendidas em Portugal.

No mês de Dezembro desse mesmo ano, o rei D. Luís distinguiu a casa *Leitão & Irmão* com a honrosa nomeação de “Joalheiros da Coroa”<sup>4</sup>, intensificando-se a partir de então uma relação que já vinha sendo cultivada de parte a parte.<sup>5</sup> Para além do rei D. Luís e da rainha D. Maria Pia, também o rei D. Fernando, o infante D. Augusto e o infante D. Afonso eram seus clientes habituais, como comprovam os averbamentos nos *Livros de Contas Correntes*<sup>6</sup>. Foi também à *Leitão & Irmão* que os monarcas recorreram com frequência para presentear familiares, amigos e personalidades diversas. Entre os seus mais importantes clientes, a casa Leitão contava ainda com membros da aristocracia e da alta burguesia comercial e industrial, a quem fornecia as mais elegantes e requintadas peças.

A rainha D. Maria Pia, porventura mais do que o rei D. Luís, foi uma das suas mais entusiastas e fiéis clientes, procurando estar sempre a par das últimas novidades. Em correspondência enviada pelo *Serviço de S.M. a Rainha* à *Leitão & Irmão*, a 15 de Novembro de 1888, foi comunicado que: *Sua Magestade a rainha vai hoje aproximadamente às 11 horas da manhã visitar o seu estabelecimento e desejava justamente ver algumas peças que se estão executando para a baixella do Barahona assim todos os objectos mais modernos que tem nas suas officinas.*<sup>7</sup>

Noutras ocasiões, eram frequentes os pedidos à casa Leitão para que providenciasse lotes de peças e as apresentasse no Paço para a rainha escolher<sup>8</sup>. As peças, devidamente etiquetadas com os respectivos preços, eram então sujeitas à apreciação da rainha. Posteriormente, eram devolvidos todos os artigos dispensados, bem como as etiquetas das peças escolhidas, as quais ficavam desde logo no Paço.<sup>9</sup>

Entre a correspondência trocada, eram frequentes as indicações pormenorizadas relativas ao acabamento de algumas peças, de acordo com as preferências da própria soberana.<sup>10</sup>

<sup>3</sup> O punção foi registado na Contrastaria de Lisboa sob o nº. 34.

Vd. VIDAL, Manuel Gonçalves e ALMEIDA, Fernando Moitinho de, *Marcas de Contrastes e Ourives Portugueses*, Vol. II (1887 a 1993), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996, registo nº. 635, p. 71.

<sup>4</sup> Espólio Leitão & Irmão, *Alvará de Nomeação*, 23 de Dezembro de 1887.

<sup>5</sup> Entre as inúmeras encomendas de peças de ourivesaria e joalheria feitas pelos monarcas à *Leitão & Irmão*, destacamos três que seguramente contribuíram para o reconhecimento do rei D. Luís e a consequente atribuição do título: as jóias oferecidas pela família real a D. Amélia por ocasião do seu casamento com D. Carlos, em Maio de 1886 (um diadema de brilhantes, oferecido pelo rei D. Luís; um colar de brilhantes pela rainha D. Maria Pia; um colar de brilhantes e safiras pelo príncipe D. Carlos; um par de binóculos em tartaruga e brilhantes pelo infante D. Afonso e um pregador de brilhantes, pelo infante D. Augusto), Cf. “Jóias Presenteadas pela família real portuguesa a S.A. A Princeza D. Amélia”, in *Occidente*, 9º ano, vol. IX, nº. 273, 21.07.1886, p. 162. A Espada de Honra oferecida pelo rei D. Luís ao Imperador Guilherme I da Alemanha, por ocasião dos seus noventa anos, em 1887; executada em tartaruga, ouro, rubis, brilhantes, esmeraldas e esmalte e, ainda, o Cálice em prata dourada, ofertado pelo monarca ao Papa Leão XIII por ocasião das comemorações do Jubileu de 1888. Este cálice foi uma cópia de um original do primeiro quartel do séc. XVI, pertencente às colecções do rei D. Luís e hoje no Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA, 815 e 816 Our.), executado pelo ourives Rafael Zacarias da Costa (1816-1895). Cf. *Inventário do Museu Nacional de Arte Antiga. Colecção de Ourivesaria*, 1º vol., Lisboa, Instituto Português dos Museus, Inventário do Património Cultural Móvel, 1995, nº. 52, pp. 182 a 189.

<sup>6</sup> Espólio Leitão & Irmão, ELI 469, *Livro de Contas Correntes, 1877, 1878, 1879*; ELI 356, *Livro de Contas Correntes, 1879, 1880, 1881*.

<sup>7</sup> Espólio Leitão & Irmão. Capilha com correspondência remetida pela Casa Real à casa Leitão & Irmão, *Serviço de Sua Magestade a Rainha, 15 de Novembro de 1888*. As peças aqui mencionadas serão muito provavelmente uma chaleira com respectiva trempe e lamparina e “mais peças de serviço” executadas para o proprietário rural Barahona Fragozo antes da encomenda propriamente dita da baixela, que ocorreu apenas seis anos mais tarde, e cuja modelação foi da autoria de Rafael Bordalo Pinheiro. Cf. *Ob cit.*, 1908, pp. 25 e 26. Sobre a Baixela Barahona vd. VASSALLO E SILVA, Nuno, “A ourivesaria no Portugal de 1900” in *Portugal 1900*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, pp. 225 a 232.

<sup>8</sup> Espólio Leitão & Irmão, Capilha com correspondência remetida pela Casa Real aos ourives Leitão & Irmão.

<sup>9</sup> *Idem*.

<sup>10</sup> *Ibidem*.

A colecção do Palácio Nacional da Ajuda que aqui se trata<sup>11</sup>, reúne um diversificado conjunto de peças utilitárias e decorativas. Tratam-se não apenas de peças provenientes das oficinas *Leitão & Irmão*, mas também de um interessante conjunto de exemplares de proveniência diversa, importado por estes ourives joalheiros para a Casa Real portuguesa, como acima mencionámos. Em regra, para além do punção do fabricante de origem, as peças importadas, apresentam-se remarcadas pela casa Leitão com o seu punção “L com esfinge” e o de garantia legal, atestando o teor da liga. Na grande maioria destes casos, se não de todos, os artigos eram fornecidos com estojo para acondicionamento, como de resto o comprovam a marca estampilhada a dourado sobre o forro das tampas, ou a assinatura *Leitão & Irmão, Joalheiros da Coroa*, incisa na chapa metálica das próprias fechaduras. Os fabricantes franceses conquistaram as preferências da soberana, muito particularmente os artigos de Edmond Tétard<sup>12</sup>, a avaliar pela quantidade de exemplares presente no acervo. A qualidade de execução patente nas suas obras, a delicadeza de cinzel e o seu estilo neo-*rocaille*, soberbamente modelado, foram do particular agrado da soberana.

Os objectos que adiante mencionaremos foram agrupados por afinidades de tipologia e de funções. Na sua generalidade, abrangem o período cronológico da segunda metade do século XIX, com especial incidência nas duas derradeiras décadas e inícios do século seguinte, período coincidente com uma das fases de maior apogeu da casa *Leitão & Irmão*.<sup>13</sup> As peças porventura mais emblemáticas da produção Leitão para a Casa Real são as *peças comemorativas*, portadoras de uma carga simbólica única, na medida em que assinalavam determinado acontecimento ou evocavam uma data de particular significado para aqueles que as possuíam.

Por ocasião das bodas de prata, o rei D. Luís ofereceu à rainha D. Maria Pia uma Pasta de Escritório (PNA, inv. 53719) (Fig. 1) em couro, com aplicações em ouro, brilhantes, esmeraldas e rubis, contendo no seu interior um conjunto de seis utensílios de escritório e um bloco de folhas. A capa apresenta o monograma coroado *MP*, a data *6 de Outubro de 1887* e a assinatura fac-similada *Luís Rei*. Encontra-se acondicionada numa caixa forrada de cetim *grenat* com a estampilha da casa Leitão e o seu custo orçou em 888.500 réis.<sup>14</sup>



**Fig. 1** – Pasta de Escritório, PNA inv.53719  
Fotografia Manuel Silveira Ramos

<sup>11</sup> Muitas das peças aqui mencionadas estiveram já patentes ao público em exposições (e catálogos), realizadas no Palácio Nacional da Ajuda, nomeadamente, *Jóias do Quotidiano da Família Real*, Lisboa, IPPC, Junho 1987; *D. Luís I, Duque do Porto e Rei de Portugal*, Lisboa, SEC / IPPC, 1990 e *Tesouros Reais*, Lisboa, SEC / IPPC, 1992.

<sup>12</sup> Em 1880, Edmond Tétard assumiu a liderança da *Orfèvrerie Hugo* (estabelecida em 1851, em Paris) e converteu a casa num dos principais fabricantes de ourivesaria de finais do século XIX. Na Exposição Universal de 1889, a produção de Tétard, dominada pelo eclectismo e pelos historicismos, característicos da época, foi galardoada com uma medalha de ouro e duas de prata. E. Tétard conduziu os destinos da empresa até 1903, altura em que os três filhos lhe sucederam no negócio, sob a designação *Tétard Frères*.

<sup>13</sup> “A joalheria Leitão & Irmão, foi sem dúvida a mais requintada no panorama nacional, de 1875 a 1974, que mesmo após o seu encerramento, nunca o seu prestigiado lugar foi ocupado. O seu grande êxito, deve-se incontestavelmente, tanto à renovação operada na arte da ourivesaria, com sofisticadas montagens de novos desenhos para jóias de inspiração no artesanato e no espírito historicista, como à acção da rainha D. Maria Pia, fiel cliente [...]” VASSALO E SILVA, Nuno, “Os Joalheiros da Casa Real” in *Artes Plásticas*, ano 1, nº. 12, Julho-Setembro, 1991, pp. 49 a 55.

<sup>14</sup> APNA, 7.1.1. Cx. Documentação relativa a receitas e despesas, 1866-1908, Capa nº. 16, Factura da casa Leitão & Irmão, *Vendido a Sua Magestade El-Rei O Senhor D. Luís (anual)*, Lisboa, 31 de Dezembro de 1887.

No dia 1 de Maio de 1887, a infanta D. Antónia ofereceu a seu irmão, uma Charuteira (PNA, inv. 53690) em couro, prata dourada e brilhantes, evocativa do dia do prenome do soberano<sup>15</sup>. A data e o seu nome, em caracteres de ouro com brilhantes engastados, foram aplicados na peça: de um lado *Lisboa 1 de Maio 1887* e, do outro, *Antónia*. No espólio *Leitão & Irmão* encontrámos três desenhos preparatórios<sup>16</sup> para a execução desta peça, um dos quais constitui a versão mais aproximada do resultado final. Esta seria, certamente, uma peça de especial valor afectivo para o rei D. Luís, pois foi um dos objectos que *Sua Magestade A Rainha escolheu d'uma das gavetas dos étágères do quarto que foi de Sua Magestade El-Rei*<sup>17</sup>, a 11 de Maio de 1892, decorridos cerca de dois anos e meio após o seu falecimento. Uma outra Cigarreira (PNA, inv. 52116) em couro com o monograma coroado *MP*, em ouro e esmaltes, atravessado por uma filactera com a data *25/6/1899*, e marcada no interior *Leitão & Irmão*, era pertença da soberana.

A casa Leitão executou, a pedido da rainha, uma Capa de Álbum (PNA, inv. 55450) em couro, com aplicações e fechos em prata, destinada a guardar uma colecção de dezanove aguarelas da autoria do pintor espanhol Enrique Casanova<sup>18</sup>, retratando os interiores de vários palácios reais à época (Fig. 2). D. Maria Pia pretendia oferecer este conjunto a D. Luís, a 31 de Outubro de 1889, por ocasião do seu quinquagésimo primeiro aniversário. Contudo, a morte do soberano, ocorrida quinze dias antes, impediu que este objectivo se cumprisse.



Fig. 2 – Capa de Álbum. PNA, inv. 55450

A capa anterior apresenta as Armas de Portugal e a inicial *L1ª*, ambas coroadas, em prata cinzelada; a capa posterior, a assinatura fac-similada *Maria Pia*, encimada por coroa real e a inscrição *31 de Outubro de 1839*<sup>19</sup>, em prata, aplicada na margem inferior.

A pesquisa no espólio *Leitão & Irmão* valeu-nos a descoberta do desenho aguarelado<sup>20</sup> preparatório para este trabalho (Fig. 3), permitindo acrescentar alguns dados interessantes à história desta peça e traçar as vicissitudes que terão envolvido a sua execução. No desenho, as Armas de Portugal surgem envolvidas por uma coroa de perpétuas, flores tradicionalmente usadas nas coroas fúnebres, o que nos leva a crer que esta terá sido uma hipótese ponderada após a morte do monarca, mas não concretizada. Se à data da sua morte, como tudo indica, a

<sup>15</sup> O dia de S. Filipe era assinalado a 1 de Maio. No Diário de Notícias de 2 de Maio de 1887, era noticiado: “Por ser ontem dia de S. Filipe, prenome de El-Rei o Senhor D. Luís, foi Sua Magestade cumprimentado pelos ministérios, membros da corte, generais, oficiais superiores da guarnição, etc. O dia foi considerado de pequena gala.” In *Diário de Notícias*, 02.05.1887, p. 1.

<sup>16</sup> Espólio Leitão & Irmão, *Álbum de Desenhos*, Nº. 1, Nº. 2 e Nº. 3, Tinta sobre papel vegetal, p. 65.

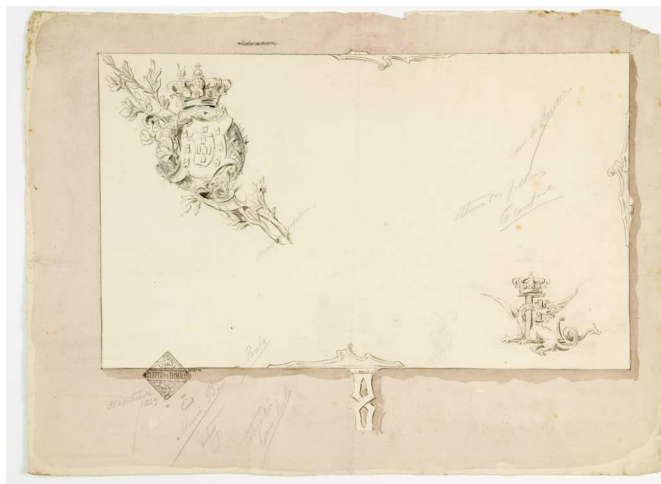
<sup>17</sup> APNA, 10.2.2., Cx. 3, Real Tesouro, Capa nº. 50, *Objectos que Sua Magestade A Rainha escolheu d'uma das gavetas dos étágères do quarto que foi de Sua Magestade El-Rei, 11 de Maio de 1892*.

<sup>18</sup> Enrique Casanova (1850-1913) foi professor de pintura da família real portuguesa.

<sup>19</sup> Com alguma estranheza, constatamos que o ano de “1839” foi firmado por lapso. Admitindo que a rainha pretendia oferecer o álbum como presente de aniversário, seria natural que aí figurasse o ano da própria oferta, i.e., 1889. Uma segunda hipótese, porventura mais remota, poderá ser a de que se pretendia registar a data do próprio nascimento, também neste caso errada, visto o mesmo ter ocorrido no ano de 1838.

<sup>20</sup> Espólio Leitão & Irmão, *Desenho aguarelado sobre cartão*, 26.09.95.

versão final ainda não estava concluída, depreende-se, pela datação do próprio desenho, 26 Set. 95, que a questão se arrastou ainda por alguns anos<sup>21</sup>.



**Fig. 3** – Desenho aguarelado preparatório da capa de álbum.  
Espólio Leitão & Irmão.  
Fotografia de Carlos Azevedo (FCG).

A Moldura (PNA, inv. 42368) em ouro, esmaltes, rubis e esmeraldas, foi outra encomenda da soberana à *Leitão & Irmão*. De disposição vertical e com suporte posterior, apresenta, do lado esquerdo, as Armas de Portugal coroadas e o monograma *MP*, revestidos a esmalte. Três filacteras aplicadas sobre a moldura ostentam as inscrições: *Rainha Regente / Lisboa / 9 de Novembro 1892*. Nesta data, o rei D. Carlos e a rainha D. Amélia ausentaram-se para uma visita a Espanha, de apenas nove dias. D. Maria Pia terá então encomendado não apenas uma moldura, mas antes quatro, bem como igual número de relógios de bolso, com decoração semelhante às molduras, de acordo com a discriminação na factura, datada de 30 de Junho de 1893.<sup>22</sup> A despesa terá orçado os 2.845.000 réis. Deste conjunto, apenas uma moldura persiste no acervo do Palácio, desconhecendo-se igualmente o paradeiro dos relógios. Possivelmente ter-se-ão destinado a ofertas da soberana. Vários estudos a lápis e um desenho aguarelado que localizámos no interior de um álbum de monogramas do espólio *Leitão & Irmão*<sup>23</sup>, permitem-nos hoje conhecer o aspecto destes relógios *savonette*.

O Cofre de Cidadania<sup>24</sup> (PNA, inv. 4804) oferecido ao príncipe D. Luís Filipe pelos representantes da agricultura, comércio e indústria de Angola, por ocasião da sua visita àquele território em 1907<sup>25</sup>, é uma das obras maiores da casa *Leitão & Irmão* (Fig. 4). Executado em prata e prata dourada, com quatro presas de marfim aplicadas sobre a tampa, assenta em quatro pés em forma de rinoceronte e ostenta, nas arestas, quatro figuras de nativos, de modelação e cinzel irrepreensíveis. A tampa é emblematicamente encimada por uma coroa

<sup>21</sup> Refira-se que em Setembro de 1891, as aguarelas estariam ainda em execução, de acordo com o próprio relato de E. Casanova em carta endereçada ao Duque de Loulé. APNA, 9.5.1., Cx. 1, Documentação relativa a aspectos decorativos e de recheio, *Carta de E. Casanova para o Duque de Loulé*, Lisboa, 02.07.1891.

<sup>22</sup> AN/TT, AHMF, Casa Real, Doc. Despesas, Proc. Contas a pagar em Lisboa, Cx. 7008, Factura da casa Leitão & Irmão, *Vendido a Sua Magestade A Rainha A Senhora D. Maria Pia [primeiro semestre]*, Lisboa, 30 de Junho de 1893.

<sup>23</sup> Espólio Leitão & Irmão, *Álbum de Monogramas*, Desenhos a carvão sobre papel; Desenho aguarelado sobre papel vegetal.

<sup>24</sup> O Cofre de cidadania é uma peça de forma habitualmente rectangular, executada em prata ou, ocasionalmente, em ouro, ofertado pela corporação de uma cidade, ou outro tipo de instituição, a eminentes concidadãos ou a ilustres visitantes. No seu interior guarda um pergaminho com um texto alusivo à ocasião. O receptor de uma tal oferta era assim aceite como membro integrante da instituição ofertante, passando a usufruir de todos os direitos e deveres dos seus pares. Esta foi uma tipologia de peça muito em voga na segunda metade do séc. XIX e inícios do séc. XX. Cf. NEWMAN, Harold, "Freedom Box", in *An Illustrated Dictionary of Silverware*, Londres, Thames and Hudson 1987, p. 142.

<sup>25</sup> D. Luís Filipe iniciou a sua viagem no início de Julho de 1907, com destino às costas ocidental e oriental de África, num périplo que durou cerca de três meses. A 20 de Novembro de 1907, a revista *Occidente*, noticia que "Tem estado exposto ao público na ourivesaria Leitão & Irmão, no largo das Duas Igrejas, o cofre [...] que é mais uma primorosa obra de arte executada nos atelieiros dos srs. Leitão & Irmão [...]." In *Occidente*, 30º ano, XXX vol., 20.11.1907, p. 256. No ano seguinte, entre 28 de Janeiro e 15 de Novembro, integra a Exposição Nacional do Rio de Janeiro. Cf. *Ob. cit.*, 1908, p. 67.

real em prata dourada. É obra de dois mestres prateiros: João da Silva<sup>26</sup>, figura cimeira da ourivesaria nacional, que durante sete anos trabalhou nas oficinas dos ourives *Leitão & Irmão* e Júlio Rodrigues Pinto. Desenhos preparatórios desta peça encontram-se na Casa-Museu Mestre João da Silva.



Fig. 4 – Cofre Cidadania. PNA, inv. 4804. Fotografia Manuel Silveira Ramos

A olaria tradicional portuguesa foi fonte de inspiração para a criação de alguns modelos de cunho popular saídos das oficinas Leitão, aos quais a rainha D. Maria Pia não foi indiferente. Contam-se no acervo do Palácio da Ajuda, quatro pitorescos exemplares de finais da última década do século XIX, reveladores de uma faceta absolutamente inovadora na produção da ourivesaria nacional. Um Jarro para vinho (PNA, inv. 42578) em prata lisa, com flores e folhagem incisas sobre fundo puncionado, inspirado no tradicional o Canjirão de cerâmica das Caldas<sup>27</sup>. Um Moringue alentejano com púcaro<sup>28</sup> (PNA, inv. 42722 e 42722/A) em barro cozido, com uma elegante montagem de cunho Arte Nova, em prata lisa, resultante da colaboração entre a Fábrica de Faiança das Caldas da Rainha<sup>29</sup> e as oficinas Leitão. Fruto deste trabalho conjunto são ainda dois Canjirões (PNA, inv. 42579 e 42580) em faiança monocroma, um vidrado a verde, o outro, a sangue-de-boi (Fig. 5), com montagem de aros e asa em prata, destacando-se no contorno do bordo uma faixa cinzelada, de grande efeito visual, com uvas e parras recortadas sobre o fundo colorido.

Ainda no grupo de objectos utilitários e decorativos, assinalamos a existência das seguintes peças: um par de Castiçais com Serpentina de cinco lumes (PNA, inv. 3982 e 3983) em prata, estilo Luís XV, marcado *Leitão & Irmão*, adquirido por D. Maria Pia em Julho de 1889, pela quantia de 360.000 réis<sup>30</sup>; um Jarro (PNA, inv. 4406), também marcado Leitão<sup>31</sup>; uma

<sup>26</sup> João da Silva (1880-1960), iniciou a sua carreira como aprendiz de cinzelador e joalheiro nas oficinas da casa Leitão & Irmão, onde terá sido admitido possivelmente no Verão de 1893. Simultaneamente frequentou o curso de cinzelador na Escola Afonso Domingues e, posteriormente, estudou na Escola Industrial do Príncipe Real. Em 1900 saiu do país para prosseguir a sua aprendizagem na Escola de Artes Industriais de Genebra, onde cursou cinzelagem e na Escola Superior de Belas-Artes de Paris, onde se diplomou nos cursos de escultura e de medalhas. O ano de 1906 marca o seu regresso a Portugal, altura em que a Casa Leitão & Irmão terá solicitado a sua colaboração para a execução deste cofre, no qual patenteou, de forma brilhante, toda a experiência adquirida. Cf. FRANCO, Matilde P. de Figueiredo Sousa, "O Escultor João da Silva, grande e esquecido ourives, in *Actas do Colóquio de Ourivesaria do Norte de Portugal*, Porto, ARPPA / A.I.O.R.N., 1986, pp. 143 a 152.

<sup>27</sup> O Museu Condes de Castro Guimarães, possui um exemplar igual a este (CCG, inv. 1106). Cf. OREY, Leonor d', *A Coleção de Ourivesaria do Museu Condes de Castro Guimarães*, Lisboa, Câmara Municipal de Cascais, 2005, p. 108.

<sup>28</sup> Localizámos no Espólio Leitão & Irmão um desenho aguarelado sobre cartão reproduzindo este modelo.

<sup>29</sup> A Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha foi fundada em 1884, sob a direcção artística de Rafael Bordalo Pinheiro.

<sup>30</sup> AN/TT, AHMF, Casa Real, Cx. 6974, Factura da casa Leitão & Irmão, *Vendido a Sua Magestade A Rainha A Senhora D. Maria Pia (2º semestre de 1889)*, Lisboa, 31 de Dezembro de 1889.



Fig. 5 Canjarão. PNA inv. 42580.

Caixa (PNA, inv. 1830) em prata dourada com um tema de carácter mitológico cinzelado na tampa, do ourives francês Henri Lapeyre (1895-1923) e remarcada *Leitão & Irmão*; uma outra Caixa (PNA, inv. 2087) em prata, de Edmond Tétard e um pequeno Castiçal de dois lumes (PNA, inv. 1812) (Fig. 6) do mesmo fabricante francês, ambos remarcados pelos Joalheiros da Coroa. Este castiçal será muito provavelmente o que vem mencionado como *Castiçal double*, numa factura de 30 de Junho de 1893, tendo sido adquirido pela rainha em Março daquele ano, pela quantia de 54.000 réis.<sup>32</sup>



Fig. 6 Castiçal de dois lumes PNA inv.1812

<sup>31</sup> Localizámos no Espólio Leitão & Irmão uma fotografia que reproduz exactamente este modelo, verificando-se apenas ligeira variante no desenho da cartela que ambos apresentam no bojo.

<sup>32</sup> AN/TT, AHMF, Casa Real, Doc. de despesas, Proc. Contas a pagar em Lisboa, Cx. 7008, Factura da casa Leitão & Irmão, *Vendido a Sua Magestade A Rainha A Senhora D. Maria Pia [primeiro semestre], Lisboa, 30 de Junho de 1893.*

Um conjunto de peças de mesa avulsas é composto por duas Taças (PNA, inv. 45977 e 45978) com almas de vidro incolor, em prata cinzelada com motivos florais recortados, em estilo Arte Nova, de proveniência não identificada e remarcadas pela casa Leitão. Um peculiar Cesto de pão (PNA, inv. 44630) em prata e prata dourada cinzelada em *trompe l'oeil*, simulando verga encanastrada, sobre a qual repousa um guardanapo franjado. É uma peça da autoria do afamado ourives russo, Paviel Akimovitch Ovtchinnikov<sup>33</sup>, da década de oitenta e importada pela casa Leitão. Mais algumas peças de Edmond Tétard integram este pequeno núcleo: um conjunto de seis Bases de Fruteiro (PNA, inv. 10785 a 10790), um Prato *réchaud*, com trempe e lamparina (PNA, inv. 10552 a 10552/B) e um Prato (PNA, inv. 7956), de orla recortada em curvas.

Num catálogo mostruário<sup>34</sup> constituído por fotografias dos vários modelos de serviços de chá e café que a loja *Leitão & Irmão* disponibilizava aos seus clientes, foi-nos possível identificar duas peças: uma Cafeteira e um Açucareiro (PNA, 10737 e 10738) (Fig. 7) em prata dourada, cujas tampas são rematadas por uma coroa real cinzelada.



Fig. 7 Cafeteira e Açucareiro. PNA, invs 10737 e 10738.  
Fotografia Manuel Silveira Ramos

Muito provavelmente, estes dois exemplares integrariam, de origem, um serviço completo deste modelo, que a *Leitão & Irmão* designou por *Serviço de chá D. João V recamado*<sup>35</sup>, tal como apresentado no catálogo (Fig. 8). O mesmo já não sucede com o Serviço de Chá e Café de feição *rocaille* (PNA, inv. 10591 a 10595), identificado como *Serviço e chá torse Luís XV com pés rico*<sup>36</sup>, neste caso felizmente completo, e cujas peças estão datadas de 1890. Estes dois exemplos são bem elucidativos da industrialização operada neste ramo das artes decorativas, possibilitando uma oferta de modelos muito diversificada, os quais poderiam ser executados e comercializados à exaustão. A *Leitão & Irmão* importou ainda para a Casa Real outros serviços de chá e café para os quais confeccionou os estojos, nomeadamente um pequeno conjunto *Egoíste* (PNA, inv. 42382 a 42385) com peças de reduzida dimensão, constituído apenas por chávena com pires, colher e bule (Fig. 9).

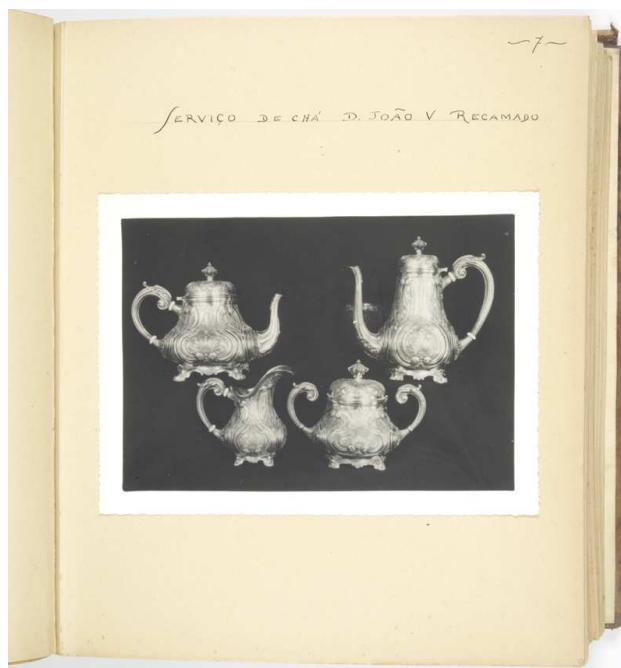
<sup>33</sup> Paviel Akimovitch Ovtchinnikov, fundou, em 1853, uma fábrica de objectos em ouro e prata, sediada em Moscovo. Em 1865 foi agraciado com o título de *Fornecedor da Corte Imperial Russa*, tornando-se, a par de Fabergé, um dos mais importantes fabricantes de ourivesaria russa. Em 1873 abriu uma filial em São Petersburgo. Os seus trabalhos foram premiados com várias medalhas de ouro e prata nas exposições Pan-russas e Universais. Os seus filhos deram continuidade à actividade, tendo a fábrica laborado até 1917. Cf. *Splendeurs de Russie. Mille Ans d'Orfèvrerie*, Paris, Edition des Musées de la Ville de Paris, 1993.

<sup>34</sup> Espólio Leitão & Irmão, Catálogo Mostruário, *Serviços de Chá e Café*.

<sup>35</sup> *Idem*, p. 7.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 20.





**Fig. 8** Catálogo Mostuário; Serviços de Chá e Café. Espólio Leitão & Irmão. Fotografia Carlos Azevedo (FCG).

Evidencia um elegante cinzelado, com finas caneluras transversais, mas a sua proveniência é desconhecida, pois está destituído de qualquer marca. Ao fabricante Edmond Tétard, a casa Leitão adquiriu um Serviço de Chá e Café (PNA, inv. 10589 a 10590/A, 45012 a 45015) com sete peças, em prata cinzelada com caneluras e concheados estilo *rocaille*. Também de origem francesa, mas de ourives ainda não identificado, é o Serviço de Chá e Café *tête-à-tête* (PNA, inv. 42369 a 42381) em prata e prata dourada, com motivos florais cinzelados, o qual terá pertencido ao Infante D. Afonso.<sup>37</sup>



**Fig.9** – *Egoïste*. PNA invs. 42382 e 42385

<sup>37</sup> APNA, 10.2.2., Cx. 2, Mantieiria do Palácio da Ajuda, Capa nº. 13, *Relação das pratas, casquinhas, louças da Índia, porcelana, etc. pertencente ao Infante D. Afonso, 27.071894, Prata estojo Nº. 4, fl.3.*

Proveniente das oficinas Leitão é um Serviço de Licor (PNA, nv. 50579 a 50593) em cristal e prata cinzelada, constituído por duas garrafas, doze cálices e um tabuleiro. Curiosamente, a sua despesa de aquisição terá sido partilhada por D. Luís e D. Maria Pia. Em documentação do *Serviço de Sua Magestade a Rainha*, dirigida à *Leitão & Irmão* e datada de 4 de Novembro de 1887<sup>38</sup>, vem mencionado *Um estojo com Licoreiro – 135.000* e a seguinte nota: *Metade desta quantia pertence a S.M. El-Rei*. Numa factura passada em nome do rei D. Luís, datada de 31 de Dezembro de 1887<sup>39</sup>, identificamos a seguinte referência *1 Serviço para licor metade – 67.500*, rubrica esta relativa, precisamente, ao mês anterior.

Foi também através da *Leitão & Irmão* que a rainha D. Maria Pia adquiriu um Serviço de Toucador (PNA, inv. 2058 e 2059)<sup>40</sup> com vinte e uma peças, em prata e cristal incolor, proveniente das oficinas do ourives francês Ferry. Também de cariz *rocaille*, com largas caneluras torsas e concheados, apresenta cinzelado, em todos os seus elementos de prata, o monograma coroado da soberana no interior de cartela assimétrica. D. Maria Pia adquiriu-o em Maio de 1887<sup>41</sup>, pela quantia de 1.203.500 réis.



Fig. 10 – Escritório. PNA, invs, 52121 a 52121/C.

Para além dos acessórios de fumo já mencionados, refiram-se ainda uma Fosforeira de Secretária (PNA, inv. 44572) em prata, com uma discreta decoração de concheados, modelo das oficinas Leitão, que conheceu grande sucesso comercial<sup>42</sup>, e um Serviço de Fumo (PNA, inv. 42591 a 42596) com caneluras cinzeladas, importado ao ourives francês Ernest Gaillard (1860-1892).

Um curioso grupo de peças em miniatura, executadas predominantemente em ouro, integra também este acervo: uma Caixa de pó de arroz (PNA, inv. 52172) com uma miniatura policromada sobre a tampa e um Cofre (PNA, inv. 5222) com brilhantes engastados entre primorosa decoração de cariz vegetalista, ambas sem marcas mas acondicionadas em estojos com a estampilha dos Joalheiros da Coroa. Este *Cofre bijou ouro e rosas* foi adquirido pelo rei D. Luís, em Setembro de 1887, pela importância de 112.500 réis.<sup>43</sup> Um Frasco de perfume (PNA, inv. 51616) com o punção L com esfinge e uma Libra de 1885 (PNA, inv. 53606) que, em

<sup>38</sup> Espólio Leitão & Irmão, ELI 621, Correspondência remetida à casa Leitão & Irmão, *Serviço de Sua Magestade a Rainha*, 4 de Novembro de 1887.

<sup>39</sup> APNA, 7.1.1., Documentação relativa a receitas e despesas, 1866-1908, Capa nº. 16, Factura da casa Leitão & Irmão, *Vendido a Sua Magestade El-Rei O Senhor D. Luís (anual)*, Lisboa, 31 de Dezembro de 1887.

<sup>40</sup> Por apresentar números de inventário descontínuos, mencionam-se em nota os mesmos, que são os seguintes: 2350 e 2351, 3477 a 3483, 5233 a 5235, 42386, 42712 e 42713.

<sup>41</sup> AN/TT, AHMF, Casa Real, Cx. 6639, Factura da casa Leitão & Irmão, *Para Sua Magestade A Rainha (primeiro semestre)*, 30 de Junho de 1887. Este documento foi-nos gentilmente cedido por Maria do Rosário Jardim.

<sup>42</sup> Esta informação foi-nos facultada pelo Senhor Jorge Leitão, a quem muito agradecemos.

<sup>43</sup> APNA, Cx. 7.1.1., Documentação relativa a receitas e despesas, 1866-1908, Capa nº. 16, Factura da casa Leitão & Irmão, *Vendido a Sua Magestade El-Rei O Senhor D. Luís (anual)*, Lisboa, 31 de Dezembro de 1887.

nota enviada pelo Administrador Geral da *Casa de S.M. A Rainha* à casa Leitão, datada de 30.10.1886, é referenciada como *Libra segredo*, pois apresenta uma das faces articulada, revelando no seu interior um receptáculo protegido por uma fina película de vidro. A rainha despendeu 31.500 réis na sua aquisição<sup>44</sup>.

No âmbito dos acessórios de escrita destacam-se ainda alguns interessantes exemplares, como um pequeno Escritório (PNA, inv. 52121 a 52121/C) em cristal incolor, ouro, e pérolas aljôfars, com decoração de caneluras espiraladas, constituído por tinteiro, caneta de aparo, lapiseira e faca de papel/marcador (Fig. 10). As suas peças ostentam o punção L com esfinge e conservam-se no seu estojo original. Uma Lapiseira telescópica (PNA, inv. 53340) em ouro, também de reduzida dimensão e provida de pequena argola para suspensão, marcada com o mesmo punção. Finalmente, uma Faca de papel/marcador (PNA, inv. 5226) em ouro, soberbamente cinzelada em forma de pena e com a inicial L, coroada, em prata, com diamantes engastados. O rei D. Luís terá certamente nutrido especial afeição por ela, pois, em 11 de Maio de 1892, D. Maria Pia colocou-a de parte como recordação do soberano depois da sua morte<sup>45</sup>. Ostenta um único punção: o de garantia para o ouro, usado em Paris dd. 1847, e lamentavelmente já não possui estojo. Cremos que tenha sido uma peça importada pelos Joalheiros da Coroa para a Casa Real, e que tenha agradado particularmente à soberana, já que, mesmo antes da morte do monarca, a rainha encomendou às oficinas Leitão uma peça em tudo semelhante (PNA, inv. 53399), diferindo apenas na ausência da inicial coroada que personalizou o outro exemplar. Em factura dos ourives *Leitão & Irmão* emitida em nome da soberana, e datada de 31 de Dezembro de 1889, é mencionada uma *Penna d'ouro*, adquirida no mês de Julho, pela quantia de 31.500 réis<sup>46</sup>. Ao contrário da anterior, esta conserva o seu estojo original, estampilhado com a marca dos Joalheiros da Coroa.

Apresentámos aqui as peças mais relevantes da produção *Leitão & Irmão* para a Casa Real portuguesa<sup>47</sup>, conscientes de que a natureza deste artigo obriga naturalmente a uma selecção. Apesar de ambos os monarcas terem efectuado encomendas à casa Leitão, de entre o acervo aqui apresentado, é sobretudo a figura da soberana aquela que mais se evidencia. D. Maria Pia, de reconhecido gosto pelas artes e carácter empreendedor, teve um papel determinante na aquisição de inúmeros objectos utilitários e decorativos, em prata e ouro, que enriqueceram significativamente o Paço da Ajuda. São, na sua maioria, objectos de grande requinte e sobriedade, aqui apresentados pela primeira vez, numa visão de conjunto, reveladores da preferência da soberana pela estética do neo-*rocaille*.

Procurámos fundamentar a sua apresentação num vasto leque de documentação, de que destacamos o cotejo realizado no espólio *Leitão & Irmão*, no âmbito da investigação que mantemos em curso. A sua ligação às peças, bem como o cruzamento com outras referências documentais, revelou-se extremamente enriquecedora para o estudo deste significativo núcleo do acervo do Palácio Nacional da Ajuda.♣

<sup>44</sup> Espólio Leitão & Irmão, Capilha com correspondência remetida pela Casa Real aos ourives Leitão & Irmão.

<sup>45</sup> APNA, 10.2.2., Cx. 3, Real Tesouro, Capa nº. 50, *Jóias que Sua Magestade A Rainha escolheu do estojo que pertenceu a Sua Magestade El-Rei, e que estava guardado no móvel da Salla Rosa, Em 11 de Maio de 1892.*

<sup>46</sup> AN/TT, AHMF, Casa Real, Cx. 6974, Factura da casa Leitão & Irmão, *Vendido a Sua Magestade A Rainha A Senhora D. Maria Pia (2º semestre de 1889), 31 de Dezembro de 1889.*

<sup>47</sup> A casa Leitão & Irmão executou também para a Casa Real portuguesa várias peças de joalheria, as quais serão objecto de uma futura apresentação.

\* Este artigo foi publicado em:

Actas do II Colóquio Português de Ourivesaria (coord. Gonçalo Vasconcelos e Sousa), ed. Centro de Investigação em Ciências e Tecnologias das Artes da Universidade Católica Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2009, pp. 113-129.

\*\* Conservadora das Coleções de Ourivesaria e Ourivesaria do Palácio Nacional da Ajuda.

A autora agradece reconhecidamente a Jorge Leitão por lhe ter possibilitado o acesso ao Espólio Leitão & Irmão, que se encontra em fase de tratamento e classificação arquivística na Fundação Calouste Gulbenkian; a Ana Paula Gordo, Directora Adjunta da Biblioteca de Arte da FCG, pela total disponibilidade e colaboração no acesso à documentação; a Paula Vilas, arquivista da FCG, pela orientação no que respeita à organização do espólio; a Cristina Neiva Correia e João Vaz, pela leitura e revisão do texto; a Sara Seruya pela tradução do resumo e, finalmente, a Maria Ludovina Leitão, pela colaboração na recolha fotográfica.